

**Entrevista ao  
Director do  
Agrupamento  
de Escolas  
João Roiz de  
Castelo  
Branco**

**Dr. Carlos  
Almeida**



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

**UBI – Mestrado em Ciências  
Documentais  
[2010]**

**Orientadores:**

Professora Doutora: Maria da Graça Sardinha

Professor Doutor António Pais

**Mestrando:**

Pedro Rafael Neto Gomes

**[Guião de Entrevista]**

**Apresentação e objectivos**

A realização desta entrevista insere-se na recolha de dados no âmbito do Mestrado em **Ciências Documentais** da Universidade da Beira Interior sobre **“A Biblioteca Escolar: Uma Rede de Aprendizagens. O Papel das Parcerias”**

Tem como objectivo conhecer a perspectiva da Directora do Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco, Dr. Carlos Almeida, face à utilização da Biblioteca Escolar/ Biblioteca Pública ou outra tipologia de bibliotecas numa óptica de partilha/ parceria e uso comum dos mesmos espaços por públicos distintos. Uma abordagem aos conceitos *joint-use libraries* e *dual-use libraries*.

Os dados recolhidos destinam-se a fins puramente académicos.

(Autorização para recolha de gravação digital da entrevista e de divulgação da identidade)

---

**1. Dr. Calos Almeida, Director do Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco, ao longo destes anos nas suas funções tem contactado directamente quer com autarcas, técnicos de bibliotecas públicas coordenadores de bibliotecas, professores bibliotecários e outros directores de escolas e Agrupamentos. Na sua óptica, que factores é que contribuíram, foram decisivos, para ao fim destes 13 anos a Rede de Bibliotecas Escolares estar implementada em todos os Concelhos do nosso país?**

**Calos Almeida** - Vamos lá ver mediante a experiência que eu tenho e também tendo presente alguns estudos internacionais nos quais Portugal tem estado inserido, e nos quais também se tem procurado estabelecer alguns pontos de contacto, ou de comparação entre o sistema educativo português e outros sistemas educativos há um aspecto que resulta dos estudos levados a cabo pelo PISA e que se prende com o facto de os nossos alunos uma boa parte dos nossos alunos apresentarem lacunas muito acentuadas quer por um lado a nível das competências da leitura quer por outro ao nível do domínio da língua materna. E de modo a que eu vejo esta questão das redes de bibliotecas escolares como mais uma estratégia com o intuito de colmatar algumas daquelas que são as lacunas do nosso sistema educativo português. E portanto a rede de bibliotecas escolares é um dos instrumentos privilegiados para fazer face às lacunas que os nossos alunos apresentam em estudos de âmbito internacional.

**1.1. No que se refere às Bibliotecas Públicas embora o programa se tenha iniciado anteriormente, a abrangência de território é menor e ainda não estão instaladas em todos os Concelhos, o que lhe parece que ainda falta nesta dinâmica?**

**Calos Almeida** - Eu francamente tenho que confessar que não tinha conhecimento que haveria concelhos que ainda não estavam portanto salvaguardados, ainda não estavam cobertos por uma biblioteca de rede pública. Lamentavelmente acrescento eu isso é seguramente isso é um grande constrangimento para o desenvolvimento desse concelho. Durante muitos anos muitos concelhos havia que não tinham qualquer biblioteca, e também durante muitos anos houve uma fundação, a fundação Calouste Gulbenkian que fez um trabalho verdadeiramente notável e fantástico porque conseguiu colmatar muita daquelas que eram as queixas ou as lacunas do estado português. Felizmente nos últimos anos têm havido um investimento muito acentuado por parte do estado com o intuito de dotar todo o país de uma rede de bibliotecas. As escolas, obviamente, que tem aqui uma palavra a dizer souberam-se

---

mobilizar souberam colocar alguns recursos financeiros e também humanos com o intuito de por de pé esta ideia de uma biblioteca escolar. Agora obviamente que também aqui as autarquias têm aqui uma responsabilidade acrescida, havendo alguns concelhos que não têm uma rede que não tenham bibliotecas escolares obviamente que competirá ao poder político e neste caso ao poder local fazer face a esta que eu considero uma carência nesses concelhos.

**2. Em alguns Concelhos onde existem Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares não existe o serviço de SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares), considera este serviço prioritário e fundamental para a existência de uma real parceria entre estas instituições?**

**Calos Almeida** - Bom, aquilo que eu sei, é que nós em Portugal temos muitas das vezes meios, quer financeiros, quer humanos, mas ainda assim não há é ainda a suficientemente articulação e também rentabilização destes mesmos meios, e portanto ainda temos muitas instituições a viver de costas voltadas umas para as outras. E se a questão da cooperação e da articulação se coloca de uma forma transversal para o desenvolvimento do nosso país, esta questão colocar-se-á com mais acuidade para as bibliotecas, e portanto é de todo necessário, é o imperativo mais que não seja até por razões de ordem financeira que as instituições se procurem articular, procurem racionalizar. E nesse sentido, faz todo o sentido, passo a redundância, que haja cada vez uma maior cooperação uma maior articulação entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares. Só desta forma se consegue eventualmente percorrer caminhos idênticos, perceber as sinergias de cada uma delas rentabilizar estas sinergias e por de pé ou operacionalizar verdadeiros planos de actividades, verdadeiros planos de acção.

**2.1. Encara outras formas de cooperação? Partilha?**

**2.2. Na sua visão esta parceria/ cooperação deve, e pode, ir até onde? (empréstimos interbibliotecas; portais concelhios; catálogos colectivos, horas do conto, animação....)**

**Calos Almeida** - Eu penso sobretudo, pode ir a vários níveis e quanto mais se aprofundar quanto melhor mas sobretudo deve ir o nível de troca do fundo documental, porque é impensável nós termos uma biblioteca verdadeiramente apetrechada, aquilo que se pode fazer é em determinadas áreas apostar-se mais e investir-se mais e depois as outras bibliotecas aparecerem aqui como complemento, nesse sentido fundo documental

---

é desejável é necessário, ponto dois aquando da solicitação da vinda de determinadas pessoas de alguma dimensão já nível regional ou nacional, e que podem de alguma forma criar alguma envolvência sob o ponto de vista local e como a deslocação dessas pessoas tem também implicações de ordem financeira também aqui é importante que estas instituições equacionem cooperem e se articulem.

2.3. Onde podemos incluir (envolver/ participar/ dinamizar) a restante comunidade local?

**3. Como encara a possibilidade de uma Biblioteca de uma determinada tipologia prestar um serviço efectivo e ser gerida duplamente por outro tipo de público? Por exemplo uma biblioteca escolar servir uma comunidade durante o período não lectivo? Vantagens? Desvantagens ou obstáculos?**

**4. O Plano Nacional de Leitura, encara-o como um Plano com múltiplas possibilidades entre elas o fomento desta parceria entre as Bibliotecas Públicas e Escolares?**

**Calos Almeida** - Sem dúvida, eu acho que há, se houve alguma coisa alguma ideia que valeu a pena nos últimos anos claramente e a ter necessidade puxar por três ou quatro ideias uma dessas ideias é exactamente o Plano Nacional de Leitura. Os benefícios e os resultados que se vão conseguir obter, não são imediatos, eles não são visíveis no médio ou no curto prazo. Mas ainda assim a minha convicção que vamos gradualmente e de forma lenta e paulatinamente começar adquirir hábitos de leitura junto das nossas populações mais jovens e este é um bem que não é mensurável é um bem que seguramente irá por um lado enriquecer as gerações vindouras mas por outro lado também trará benefícios claros ao nosso país.

**5. E como define o papel do mediador de leitura?**

**Calos Almeida** - O papel do mediador de leitura, é um papel que é fundamental, pode fazer toda a diferença há experiências negativas porque crianças houve, que no contacto com livros, não sendo devidamente contextualizado, não sendo devidamente orientado, tiveram um efeito contra producente tiveram um efeito nefasto, portanto o papel de um mediador é fundamental porque orienta ajuda e pode evitar estes efeitos nefastos.

---

**5.1. Este papel deve ser apenas desempenhado por um técnico especializado?**

**Calos Almeida** - Eventualmente seria desejável, mas não necessário, ou seja se eu pudesse ter alguém devidamente qualificado que recebesse formação e que tivesse como tarefa única exactamente esta, obviamente que isso seria desejável, mas ainda assim eu penso que há conjunto de pessoas nomeadamente na escola, que são recursos qualificados que tem alguma apetência e que podem perfeitamente desempenhar estas funções de mediadores.

**5.2. E a família?**

**Calos Almeida** - A família é determinante, é determinante, se a escola é essencial, a família é determinante, é na família é no seio da família que se incute muito destes hábitos. Isto, passa pelo exemplo, se o meu pai e a minha mãe lerem com muito regularidade, a probabilidade do filho ler com muita regularidade é muito elevada. Portanto a família têm aqui um papel extremamente importante, agora também é importante a gente perceber o nosso contexto, e o nosso contexto diz-nos que uma boa parte das pessoas de uma faixa etária superior a 25 anos ainda estão relativamente pouco escolarizadas. Portanto, nós ainda não temos, hábitos muito elevados de leitura, e é aqui, que a escola tem o papel complementar, que é um papel extremamente importante. A este propósito se calhar valeria a pena, e estamos inseridos num concelho, que é de Castelo Branco que ainda há relativamente pouco tempo num estudo que foi divulgado de âmbito nacional se dizia que era um dos concelhos onde o hábito de leitura de jornais locais mais estava implementado e portanto esse é um dado que acho que é relevante e que também nos estimula e também nos motiva exactamente a continuar este trabalho que temos vindo aqui a desenvolver em particular no meu caso com responsabilidade acrescida no agrupamento, que é fazer montar estratégias que proporcionem hábitos de leitura.

**6. Existem algumas experiências pontuais no nosso país que a BE está aberta fora de horas ou durante o período de férias escolares para servir a comunidade. (pequeno exemplo o que foi efectuado na BE de Alpedrinha durante o verão de 2008) como encara esta possibilidade tendo em conta os recursos humanos necessários para tal?**

---

**Calos Almeida** - Pois vamos lá ver, a ideia em si é boa, obviamente. Depois temos que perceber o contexto e temos de perceber todas as limitações e constrangimentos que existem à ideia, neste momento e eu tenho de me cingir à situação em concreto do agrupamento nós temos um rácio muito baixo de assistentes operacionais para com os alunos, o número de assistentes operacionais é manifestamente insuficiente, isto coloca-nos vários problemas nomeadamente a gestão do horário das pessoas e portanto a ideia da Biblioteca Escolar funcionar em período pós laboral de forma a que alunos pais e encarregados de educação e outros elementos da comunidade pudessem fazer uso dela é uma ideia boa e que valeria a pena se calhar nós experimentarmos, mediante os recursos humanos que eu tenho é impossível a outra questão que se coloca que é no período de férias aqui a limitação dos recursos humanos já não se coloca da mesma forma que se colocará no dia-a-dia, francamente até o momento não temos sentido essa necessidade porque estamos inseridos numa capital de distrito numa cidade que tem uma biblioteca municipal bastante bem apetrechada num edifício com excelentes qualidades sob um ponto de vista arquitectónica que é muito apelativo e portanto normalmente a nossa população escolar em caso de necessidade socorre-se desse equipamento.

**7. Os conceitos “Joint-use libraries” e “Dual use libraries” já largamente implementado em países como os EUA, o Canada a Austrália e na Europa do norte. Sendo estes países “ricos/ desenvolvidos” não fará muito mais sentido em países com menores recursos, como o nosso, a implementação deste conceito? E efectivar a rentabilização dos espaços e recursos materiais e humanos disponíveis numa determinada comunidade?**

**Calos Almeida** - Claro, claro, que fazem muito mais sentido em países como o nosso até mais que não seja levando em linha de conta aqui por um lado aquilo que foi aqui mencionado que são países muito mais ricos que o nosso, e por outro lado porque também são países mais escolarizados que o nosso, portanto sendo países mais escolarizados e neste caso sendo nós um país menos escolarizado, portanto mais se impões este tipo de aposta.

**8. Quais os maiores obstáculos se poderão colocar à implementação destes conceitos?**

---

**9. Para uma efectiva concretização do “Joint-use libraries “ e “Dual use” embora o espaço possa ser comum, como observa a constituição de equipas de trabalho, organização e gestão global do mesmo?**

9.1. E a gestão de espaços e recursos materiais?

**10. Algumas autarquias do nosso país, nomeadamente Óbidos e Oeiras, estão a intervir na construção de espaços escolares distintos (JI e 1ºECB) com a envolvimento de zonas ajardinadas, pavilhões desportivos, auditórios e especialmente Bibliotecas. Estas valências são para utilização de toda a população local. Este conceito só será possível com a implementação deste tipo de escolas comunitárias?**

**Calos Almeida** - Pois vamos lá ver, aí a questão que se coloca é da multiplicação dos recursos, ou seja, se é possível é, a questão é se o país é suficientemente rico para que em cada em centro educativo possa haver uma biblioteca que depois preste esse serviço à comunidade.

**Eu falaria, levaria antes para o exemplo dos concelhos onde não existe biblioteca pública.**

**Calos Almeida** - Nesse caso acho que aí mais do que algum lado aí fará todo sentido esse tipo de conceito.

**Onde a Biblioteca pública e a biblioteca escolar está fechada aquela população deixa ter?**

**Calos Almeida** - Obviamente nesse contexto aí fará todo o sentido, esse conceito é aplicável e desejável.

10.1. Que impacto social pode ter na comunidade um Biblioteca de uso comum ou que seja partilhada por públicos distintos?

**11. Alguns autores como Sharon Honig-Bear, Willian Miller e Rita Pellen, entre outros, referem que o maior problema para a implementação do “Joint-use” e “Dual-use” está relacionado com o sentimento de posse dos**

---

**intervenientes, da gestão de orçamentos e dos recursos humanos. Que comentário faz?**

**Calos Almeida** - Pois, eu acho que aqui a questão também se enquadra no próprio quadro mental em que se envolvem estes diferentes agentes, ou seja, ainda não temos uma cultura interiorizada no sentido de que os bens que uma escola possa ter são bens que devem ser colocados a disponibilidade da comunidade, nós não somos detentores não somos donos destes bens. Aquilo que nos é exigido, e é aquilo que me é exigido particularmente a mim como responsável máximo deste agrupamento é dispor dos meios que eu tenho em prol em primeiro lugar dos alunos obviamente daquelas pessoas que aqui trabalham que exercem aqui a sua profissão, mas também em prol da comunidade. O país está a fazer um esforço muito significativo na educação. Portanto as instituições escolares tem um responsabilidade acrescida perante as comunidades onde estão inseridas, e também este propósito valerá a pena relembrar, estando nós numa zona desfavorecida do país, numa zona interior, e tendo nós recursos humanos extremamente qualificados é mais uma exigência é mais uma obrigação nossa colocar estes mesmo meios, quer técnicos, quer humanos, quer materiais ao serviço das nossas comunidades, e nesse sentido eu agora posso acrescentar ainda mais, que a escola tem por obrigação ser um elemento dinâmico, interventivo, e estabelecer um conjunto de outras instituições e também neste âmbito estabelecer um conjunto de parcerias.

**12. Os mesmos autores referem que para uma eficaz parceria/ partilha entre as instituições deve ser implementada uma atitude dos 5 C “Collaborate, Communicate, Cooperate, Change and Challenge.” Ou seja Colaborar, Comunicar, Cooperar, Estar preparado para a Mudança e apostar em novos Desafios. Na sua perspectiva acrescentaria mais algum passo/ atitude?**

**Calos Almeida** - Não sei se me permitirias, não sei se permites Pedro, eu resumiria todos esses termos, num conceito que é mais Português que é nós adoptarmos uma atitude proactiva, ou seja, não termos tanto uma atitude reactiva que é andar atrás da coisa mas sermos nós os agentes, a locomotiva sermos nós os líderes nestas mesmas comunidade, e portanto, a ideia aqui como noutras áreas é exactamente adoptar uma atitude proactiva

**13. O Professor Bibliotecário, como um estratega, é uma peça fundamental para esta mudança?**

**Calos Almeida** - É sem dúvida, indiscutivelmente, eu penso que a criação do professor bibliotecário é uma mais-valia para qualquer escola, é indiscutivelmente também um valor acrescentado porque permite também mobilizar um conjunto de recursos e dinamizar a escola ou neste caso o agrupamento, e não é por acaso, que também esta figura deve ter assento em determinados órgão de topo de um escola, nomeadamente estou a pensar no Conselho Pedagógico.

---

**14. Por último gostaria de acrescentar mais algum aspecto significativo que considere pertinente para esta abordagem?**

**Calos Almeida** - Eu penso que valerá a pena, em termos futuros e quando estamos a falar de trabalhos de investigação, pensar em estudar qual é que poderá ser a importância, o impacto nomeadamente do professor bibliotecário, e da Biblioteca Escolar em termos do fomento de hábitos de leitura nas respectivas comunidades escolares, ou seja, nós temos a noção, a impressão se bem com base em dados empíricos que poderá existir aqui e deve haver uma relação directa. Ainda assim, falta-lhes alguma consistência científica nisto, e portanto acho que valeria a pena em termos futuros haver aqui um conjunto de estudos que fossem relacionados à luz desta ideia.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Pedro Rafael Neto Gomes